

24/5/62
ANO IV N.º 1.053

JORNAL DA BAHIA

Sôbre «Barravento»

EM SESSÃO especial para a imprensa, tivemos oportunidade de assistir, há pouco, ao filme de Glauber Rocha, «Barravento», cuja exibição comercial está programada para a próxima segunda-feira. Vindo de quem vem, ou seja de um dos mais talentosos jovens desta pacata Cidade, poder-se-ia esperar algo de verdadeiramente excepcional, na medida, aliás, do que foi amplamente afirmado na imprensa local e sulina, através de numerosos artigos e reportagens. Mas «Barravento», se não chega a ser uma obra-prima, como querem muitos dos amigos do cineasta, nem por isto deixa de ser um filme válido e interessante, sob múltiplos aspectos, além de uma afirmação da capacidade realizadora de um grupo autenticamente baiano.

«Barravento» é a estória de um punhado de pescadores que vive alguns quilômetros além do Farol de Itapoan, na costa norte da Bahia, num lugar chamado Buraquinho. É uma comunidade bastante primitiva, esta, cuja vida depende da pesca e cujo destino é traçado pela influência do candomblé, no caso responsável pela apatia e pelo conformismo de seus integrantes. A pesca se faz através da rede de arrasto e, segundo a estória, os pescadores são desumanamente explorados pelo dono da rede — um personagem que não aparece diretamente na tela e cuja presença é marcada apenas pelo soldado que, acompanhado de uma carroça e de um carroceiro, vem buscá-la em determinado momento, em virtude da pequena produtividade daqueles que a utilizam, pagando pelo «aluguel» uma percentagem da pesca. Dentro da linha da película, os pescadores deveriam revoltar-se ante a exigência do dono da rede, mas não o fazem em virtude da influência do «mestre» (chefe dos pescadores), que prefere entregar o seu e o destino dos demais aos «altos desígnios» dos deuses africanos. O filme conclui pela condenação da preponderância do culto na vida da comunidade, advogando uma atitude de revolta ante ele e, mais ainda, em relação aos que exploram os pescadores.

Seria, assim, uma obra de conteúdo nitidamente revolucionário, se não fôsse uma certa dispersão no tratamento de um assunto que reputamos excelente, o que se dá menos em virtude do trabalho de direção do que propriamente da deficiência básica do roteiro, ou mesmo do cenário. Sem dúvida, «Barravento» ganharia muito em força e em conteúdo humano se a estória de desenrolasse mais firmemente em torno do problema da rede, ainda que sem diminuir a ênfase dada ao problema do candomblé. Mas parece que os autores do tema original se preocupa-

ram mais em mostrar o candomblé em si do que sua influência na comunidade focalizada, cedendo portanto à atração do documental. Por isto, «Barravento» é muito mais um documentário sobre determinados aspectos da vida daqueles pescadores — justamente os que mais impressionam a um elemento estranho ao meio — do que mesmo um filme de ficção cinematográfica. Além do mais, pensamos nós que houve uma certa ingenuidade na caracterização dos personagens principais, que são tanto menos reais quanto mais discursivos, como por exemplo o encarregado pelo ator Pitanga.

Esse mesmo Pitanga, aliás, é que «orienta» o filme, dando a tônica de determinadas seqüências, como por exemplo aquela em que ele afirma que o candomblé não vai resolver a miséria ali reinante nem por fim à exploração dos pescadores pelo dono da rede, seria preferível — melhor, seria mais convincente — se o próprio desenrolar dos acontecimentos fizesse com que o espectador concluísse por si mesmo, sem precisar da «deixa» de Pitanga. Mas tal não acontece e só se chega a saber que «Barravento» condena o

Flávio COSTA

candomblé porque um dos atores assim o diz, em certa cena. Se uma determinada obra de arte contém uma mensagem, ela deverá ser entendida pela visão global da mesma, ou por seu total conhecimento, nunca por uma afirmação direta e real. Não se põe «mensagem» num filme ou num livro como se fôsse uma pílula. Contudo, este parece ser, um dos pecados menos graves de «Barravento», se levarmos em conta o pouco rendimento extraído de situações verdadeiramente dramáticas, de grande significação, que não obtêm tratamento adequado. Há um certo fôfêbo no desenvolvimento do filme, uma certa insegurança na utilização da própria linguagem cinematográfica, o que talvez seja uma prova da imaturidade de seus autores e de sua inexperiência em relação ao «mêtier», deficiências estas superáveis com o tempo.

Uma antiga convicção, que procuramos conservar, é a de que não se pode dissociar uma obra de seus autores, seja ela embora um filme, cuja autoria é difícil de estabelecer, em muitos casos. E se assim é, não se pode, conhecendo o autor de «Barravento» — ou pelo menos o seu diretor, Glauber Rocha — deixar de levar em conta determinados fatores e, assim, concluir em que esse filme é um começo realmente promissor para a sua carreira

de cineasta, apesar das falhas apontadas e de outras que por certo existirão. Na verdade, Glauber Rocha dirigiu pela primeira vez em «Barravento» (sem contar, naturalmente, a experiência de «O Pátio»; aliás um curta-metragem que ele não faz muita questão de arrolar em sua bagagem), e por isto mesmo não poderemos exigir que neste primeiro trabalho já apresente uma segurança de direção que mesmo os mais velhos, neste país, não conseguiram atingir. Sendo um estreante, Glauber, demonstra muito talento e muita vontade de inovar e renovar o que aí está em matéria de cinema, o que consegue em muitas das seqüências de seu filme. Aquela que focaliza o barravento — de onde extraiu o título — é das mais belas. E não se deve deixar de considerar, ainda, que muito do que nos parece condenável na película — por exemplo, as diversas tomadas estáticas — foi feito propositalmente, com uma intenção bem definida: às vezes, a própria realidade retratada em sua crueza vale mais do que um recurso bem empregado.

Uma coisa que contribui para prejudicar o efeito do filme, e muito, é a má qualidade da banda sonora. Quase não se entende o que dizem os atores, em numerosas seqüências. Muitas cenas parecem soltas e sem razão de ser, justamente por isto. Por outro lado, os próprios atores não estão muito à vontade. O nosso amigo Pitanga (Antonio Sampaio), pouca coisa cria, em «Barravento». Ao invés disto, repete a sua interpretação em «A Grande Feira», onde esteve convincente. Quanto a Luiza Maranhão e Lucy Carvalho, apenas aparecem. Nada mais. Os outros são figurantes desconhecidos e não se destacam em nenhum momento.

Por fim — e já aí dando importância talvez demasiada a um ponto de vista pessoal — vale consignar que o tema de «Barravento» deverá agradar muito mais fora da Bahia do que aqui mesmo, onde o que poderia ser surpresa, ineditismo e revelação não passa mesmo de rotina. Refiro-me às cenas de candomblé e de pescadores (puxadas de rede), que por certo encontrarão maior ressonância nas platéias do Sul e do estrangeiro, onde «Barravento» por certo alcançará grande sucesso. Creio, aliás, que a meta visada pelos produtores e realizadores desse filme não foi precisamente o mercado baiano, mas o do exterior, que nestes dias anda ávido de coisas novas e diferentes, saturado que está de produções americanas, francesas e italianas tipo «La Dolce Vita». Neste caso, as falhas apontadas nem serão notadas, ficando apenas a impressão da novidade que um documentário sempre traz.